

TRAVESSIAS: JORNADAS PARA UM NOVO MUNDO

HELOÍSA COSTA MILTON*

Ao refletir sobre o instigante tema deste colóquio, trazendo-o para a minha área de pesquisa e docência, não pude deixar de pensar em uma imensidão: o tema **Viagem, Viagens** relacionado ao continente americano e à literatura hispano-americana, ou, mais precisamente, às literaturas hispano-americanas.

Apesar de sua imensa abrangência, proponho que minha exposição seja um breve passeio por esse território literário, com o fim de destacar alguns de seus momentos significativos em termos de jornadas culturais. Jornadas que, é necessário ressaltar, obedecem à dupla mão de direção; compõem idas e vindas que fecundam uma literatura de travessias, estendida entre dois continentes, o Novo e o Velho mundos.

A história da literatura hispano-americana é a história de viajantes: viajantes que podem ser classificados, numa acepção mais ampla, como línguas, obras, autores, leitores, estilos; idéias, mentalidades, mitos, utopias. Octávio Paz, no ensaio denominado *Alrededores de la literatura hispanoamericana* (1981), aborda o alcance desta literatura começando por indagar sobre a conveniência de seu nome, um nome híbrido que já contempla movimentos de viagem: hispano-americana, latino-americana, ibero-americana, indo-americana. Opta, depois de analisar cada termo, por uma definição simples e de base lingüística - hispano-americana - ao considerar que essa literatura é a dos povos americanos que têm como língua o castelhano. Um castelhano, acrescente-se, repleto de influências indígenas e africanas.

Com base nessa definição, observa-se que a literatura hispano-americana é um conglomerado de literaturas que dialogam, no interior de

* Docente do Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Assis.

uma mesma língua, não apenas entre si, mas com outro imenso universo literário: o espanhol. O diálogo entre essas literaturas compõe travessias e, mais ainda, movimentos de travessias recíprocas.

A literatura hispânica do continente, que nasceu do tronco espanhol, que nasceu de um idioma trazido ao Novo Mundo já maduro, e como tal aqui imposto, adquiriu fisionomia própria justamente porque transformou esse idioma; porque, invertendo a rota histórica, empreendeu o seu **ato de conquista**, conforme assinala Octavio Paz. De fato, ao conquistar esse viajante primordial do Novo Mundo, o idioma, a literatura hispano-americana transgrediu-o, marcou diferenças, fortaleceu-se nas diversas vertentes americanistas. E não apenas isso: fez-se também cosmopolita, deflagrou o diálogo e derrubou fronteiras.

A propósito de fronteiras, Octavio Paz, no mesmo ensaio, afirma que a literatura hispano-americana

está hecha de las relaciones - choques, influencias, diálogos, monólogos - entre unas cuantas personalidades y unas cuantas tendencias literarias y estilos que han cristalizado en unas obras. Esas obras han transpasado las fronteras nacionales y las ideológicas (1981, p.30).

São, portanto, obras em rotação, como os próprios signos. Mais à frente, Paz complementa o argumento ressaltando que os

estilos son viajeros, atraviesan los países y las imaginaciones, transforman la geografía literaria tanto como la sensibilidad de autores y lectores (1981, p. 32).

Nas palavras do poeta, a afirmação de um circuito que, no caso da literatura hispano-americana, tem tudo a ver com estruturas de viagem. Ao concluir o ensaio, Octavio Paz tece o seguinte devaneio, que ilustra metaforicamente tais estruturas:

A veces sueño con una historia de la literatura hispanoamericana que nos contase esa vasta y múltiple aventura, casi siempre clandestina, de unos cuantos espíritus en el espacio móvil del lenguaje. La historia de nuestras letras nos consolaría un poco del desaliento que nos produce nuestra historia real (1981, p. 37).

Essa vasta e múltipla aventura no espaço da linguagem reflete, recria e simboliza o impacto dos trânsitos que se verificaram não apenas na literatura, mas no decorrer de toda a história da América, uma história também feita de viagens, viajantes e fenômenos viajeiros de diversas ordens.

Antes mesmo de ter a sua existência proclamada ao mundo, a entidade que cerca de 70 anos depois do seu "descobrimento" passou a ser designada América, era já objeto da imaginação européia, por conta de mitos, lendas e profecias que projetavam para além das fronteiras de Thule novas porções de terras, desconhecidas e fantásticas. O Eldorado, a misteriosa Atlântida, o Paraíso Terrenal, as amazonas guerreiras, a Idade do Ouro, a fonte da Eterna Juventude e outros mitos povoavam o sonho tanto do homem comum quanto do homem de ciência.

Quando Colombo aportou em terras do Novo Mundo, recobriu-as com as excelências desse fértil imaginário, doando à entidade americana as suas primeiras imagens utópicas. Orientado pela convicção de que o mundo era redondo, Colombo acreditou ter atingido a Ásia, o universo de riquezas e portentos descritos nos relatos de viajantes ilustres como Marco Polo e John de Mandeville, por exemplo. Além disso, Colombo acreditou e projetou sobre a entidade nova o caráter de realização de profecia, inaugurando assim um espaço utópico, repleto de exotismo, que acabou por solidificar a fé no impossível.

Esse impossível foi denominado Novo Mundo, Índias Ocidentais, América. Historicamente, Colombo demonstrou que a porção de mundo habitável era maior do que a calculada, fato que possibilitou a expansão dos horizontes físicos, intelectuais, políticos e religiosos de uma Espanha gloriosa e imbuída, nesse momento, da solene missão de cristianizar o globo. De fato, consciente da grandeza dos atos heróicos que administra em 1492, a nação espanhola assume-se como ponta de lança de um império católico no Ocidente.

A América é resultado desse sonho de expansão. Nasceu como a concretização das imagens míticas, oriundas da Antigüidade e da Idade Média mas impulsionadas por uma mentalidade e um espírito de época que levam o nome de Renascimento. A América nasceu, pois, da sobreposição de um universo ficcional sobre aquilo que efetivamente constituiria a sua realidade palpável. O viajante Colombo é o artífice desse feito e seu *Diário de Bordo*, o primeiro testemunho verbal do processo.

O *Diário* inaugura discursivamente o Novo Mundo. Além disso, o seu verbo, a **gênese da escritura** do continente. Como tal, detona um importante componente ideológico, a **maravilha** americana, produto do assombro da visão européia diante do **novo**, um **novo** que se resume na expectativa de riquezas aliada à possibilidade de desfrute do Éden bíblico. Ideologema fecundo, a **maravilha** americana disseminar-se-á, revirada do avesso inclusive, por vários momentos da literatura hispano-americana, alcançando até hoje as mais fascinantes realizações.

Colombo deixou uma documentação copiosa a respeito das quatro viagens que fez ao Novo Mundo: cartas, memórias, diários, relações. Em todos os registros o sonho das Índias é uma constante, ainda que a realidade depusesse contra os arquétipos imaginários com os quais ele operava. É notório que as dificuldades, ou as disparidades entre os modelos pré-concebidos e as peculiaridades do Novo Mundo, nunca conformaram obstáculos a sua ação e discurso, orientados em geral pela fantasia. O ápice desse processo ilusório é a identificação, na terceira viagem, da costa da Venezuela com o Paraíso Terrenal, o que transforma o sonho das Índias no delírio do Paraíso, como resultado do imaginário com que Colombo opera antes e depois do “descobrimento”. Esse imaginário serve-lhe, quando ativado, como motor de *um proceso de desconocimiento, instrumentalización y destrucción de la nueva realidad americana*, em palavras de Beatriz Pastor (1983, p. 17).

O discurso colombiano é, portanto, um instrumento verbal que ativa o mito, ao mesmo tempo em que dele se nutre. Além de historiar jornadas, ele explicita um incontrolável mecanismo psicológico de falsificação da realidade nova vivenciada, em termos de questões geográficas e cosmográficas; informações sobre a localização das terras “asiáticas” inexploradas: as possibilidades de ouro e riquezas fabulosas; o significado da natureza virgem e seus habitantes; a existência de sereias, monstros, seres gigantescos; enfim, todo um cabedal mitológico que Colombo absorve e projeta, e que acaba contaminando a sua figuração verbal do Novo Mundo. Incapaz de enxergar o novo, fechado em si mesmo, ele não consegue decifrar satisfatoriamente os signos da realidade, conforme analisa Todorov no excelente estudo *A conquista da América. A questão do outro* (1983).

Três atitudes psíquicas parecem ter sido decisivas na interpretação enviesada que Colombo fez dos signos da realidade no conjunto dos seus textos: a seleção voluntária e mais ou menos automatizada dos dados que os sentidos iriam captar; a interpretação subjetiva desses dados; e a

identificação dos mesmos com um programa cultural e ideológico forjado previamente. O resultado foi a invenção, na linha assinalada por Edmond O'Gorman no trabalho *La invención de América* (1986), de novas terras, novas gentes e de um caudal de riquezas sempre anunciado. Em outras palavras, a invenção das suas “Índias” particulares. A consequência histórica, como já sabemos, é a localização de um novo âmbito, que transforma a história da humanidade.

Com Colombo, esse viajante audaz e obstinado, deflagram-se, portanto, as primeiras questões sobre a identidade do Novo Mundo. A partir das suas jornadas, que produzem representações discursivas cheias de contradições, variedade de sentimentos e concepções formuladas de antemão, registra-se o Novo Mundo à revelia do próprio referente.

Tal registro, vale repetir, marcará como fato literário a escritura americana. O tema da terra; a natureza exuberante e também hostil; o encontro de culturas; a miscigenação racial, o sincretismo religioso, as viagens são tópicos recorrentes na literatura hispano-americana, cujas origens remontam à ideologia da *maravilha*, deflagrada por Colombo. Vertentes literárias como o realismo maravilhoso, o realismo mágico, o fantástico, o neo-barroquismo, que marcam a contemporaneidade dessa literatura são ecos críticos, paródicos, formas modernas de um retorno que possibilita diálogos livres com o *canon* discursivo implantado, aqui, pela imaginação europeia e o assombro de Colombo.

Mas assombrados também estiveram os conquistadores, que, a partir do “descobrimento”, empreenderam as famosas jornadas exploradoras ao Novo Mundo. Imbuídos do espírito cavaleiresco das cruzadas, norteados pelo lema formado na conjunção do ouro, da glória e do evangelho, eles também promoveram a interação entre a ficção e a realidade. Ao topar com as excelências do Novo Mundo, depararam-se com uma realidade inédita que sobrepujava a fantasia; com isso, sentiram-se impulsionados a concretizar, avidamente, as suas históricas façanhas, para as quais, aliás, já vinham predispostos.

Leitores contumazes dos romances de cavalaria, livros que cruzaram o oceano como parte de sua bagagem e que constituíram literatura privilegiada durante as travessias, conforme assinala Irving Leonard em *Books of the brave* (1949), os conquistadores vestiram a pele dos Amadises de Gaula, assumindo-se como os novos heróis épicos. Heróis com a particularidade de serem de carne e osso e, no caso, também feios, sujos e

malvados; heróis que, maravilhados, viram o Novo Mundo como a **terra de ninguém**, um verdadeiro Eldorado destinado ao saque e à expoliação.

Produto da ação dos conquistadores foram justamente os relatos de viagens, as chamadas *crônicas das Índias*, que proliferaram como testemunho discursivo de um dos maiores enfrentamentos de raças, culturas e civilizações da história do Ocidente. Jean Franco, na obra *Historia de la literatura hispanoamericana* (1983), depois de afirmar que a epopéia da conquista compôs-se nos *diários de navegación, en los relatos de descubrimientos, en cartas, crónicas e historias, incluso en controversias* (p. 21), argumenta que os

diarios de navegación de Colón, las Cartas de relación de Hernán Cortés, textos llenos de ingenuidad y carentes de toda intención artística, describen un salto en lo desconocido de proporciones vertiginosas. Libros como estos fundan los esquemas mítico-poéticos de la literatura latinoamericana, en la cual ibam predominar los temas del viaje y de la búsqueda (p. 21).

De fato, toda a literatura dos cronistas do século XVI, essa espécie de inventário do Novo Mundo conduzido pelo arrojo, a ambição e a imaginação, reafirmará, de algum modo, o ritual discursivo que fecunda imagens, concepções e emblemas de um território de maravilhas. É célebre, nesse sentido, uma passagem de importante crônica da conquista, a obra *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, de Bernal Díaz del Castillo, publicada em 1632. Bernal Díaz del Castillo foi soldado das tropas de Cortez e cronista da conquista do México. Em seu trabalho, descreveu a ação eficaz do exército de Cortez, mas também todo o esplendor da civilização asteca como a materialização do mundo fabuloso presente nos livros de cavalaria. Por exemplo, ao observar a grandeza das edificações indígenas, expressa:

Y desde vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblaciones, y aquella calzada tan derecha y por nivel cómo iba a Méjico, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuentan en el libro de Amadís, por las grandes torres y cues y edificios que tenían dentro en el agua, y todos de calicanto, y aun algunos de nuestros soldados decían que si aquello que vían, si era entre sueños, y no es de maravillar que yo lo escriba aquí desta

manera, porque hay mucho que ponderar en ello que no sé como lo cuente: ver cosas nunca oídas, ni vistas, ni aun soñadas, como víamos (1989, p. 178).

A comparação põe em evidência a incapacidade da visão europeia de explicar, através de categorias lógicas, a pujança da realidade inédita. *As coisas nunca ouvidas e nem mesmo sonhadas* que **viam** os conquistadores, marcarão como contingente ficcional, as referências pretensamente objetivas que esses viajantes-Amadises farão do Novo Mundo, na condição de testemunhas oculares da história. A mistura de realidade e ficção, a reafirmação da **maravilha**, componentes essenciais dos discursos da conquista, intensificam, portanto, a base lendária dos textos de fundação da América. A escritura deles decorrente não apenas recuperará essa matéria híbrida, como também responderá à mestiçagem cultural advinda do encontro histórico entre raças distintas.

Neste ponto, vale a pena fazer menção a um viajante muito especial, que é símbolo da mestiçagem do continente. Trata-se do Inca Garcilaso de la Vega, que transita, por sua origem, entre dois mundos, portador que é tanto da herança indígena quanto da espanhola. Nascido em 1539 no Cuzco, a capital do império incaico, o Inca, como o próprio nome denuncia, expressa miscigenação. Seu pai, o capitão Garcilaso de la Vega y Vargas, que participou da conquista do Peru descendia de uma família de nobres espanhóis, que incluía homens como o Marquês de Santillana, Jorge Manrique e o grande poeta do Renascimento, Garcilaso de la Vega. Do lado materno, o Inca descendia da dinastia que governava o império incaico quando da conquista. Era filho da princesa que foi batizada com o nome de Palla Isabel Chimu Ocllo, sobrinha do imperador Huaina Cápac e prima de Atahualpa, o último imperador.

O Inca recebeu uma esmerada educação e, principalmente, desde tenra idade transitou entre as duas alas do palácio imperial ocupado, que, concreta e simbolicamente, abrigava dois contingentes humanos, dois universos culturais, dois idiomas. De um lado, encontrava-se o pai, com todo o exército espanhol; de outro, a mãe, com os membros remanescentes da dinastia indígena; no meio, o Inca, absorvendo os dois legados.

Em 1560, aos 21 anos, ele abandona o Cuzco e se translada a Espanha, onde se torna capitão do exército espanhol e participa de inúmeras campanhas, inclusive na Itália, o que lhe possibilita aprender o idioma italiano. Em 1589 instala-se em Córdoba, onde se torna sacerdote, vindo a falecer em 1616, nessa mesma cidade, abastado e reconhecido como

escritor. Seus restos mortais encontram-se num majestoso monumento na mesquita de Córdoba.

A obra maestra desse Inca viajante denomina-se *Comentarios reales de los Incas*. É uma história do Peru, escrita já na fase adulta e publicada em 1609 (a primeira parte) e 1616 (a segunda). Nessa história, o Inca resgata a memória da civilização indígena, relatando origem, costumes, artes, língua, religião, educação, psicologia, até a fase da conquista espanhola. Tudo com requintes literários, didatismo e muita nostalgia do império perdido.

O escritor venezuelano Arturo Uslar-Pietri, no ensaio *El mestizaje y el Nuevo Mundo* (1969) considera que os

Comentarios reales son el conmovedor esfuerzo de toma de conciencia del hombre nuevo en la nueva situación de América. (...) Um libro semejante no lo podía escribir ni un castellano puro, ni un índio puro (1969, p.16).

O intuito do Inca foi demonstrar que a civilização incaica era semelhante à romana e à grega, não podendo, por isso, ser considerada bárbara. Literariamente, o Inca e seu trabalho representam o aparecimento do homem novo americano, o mestiço emergindo numa terra que, após a presença européia, a partir do contingente africano, não mais permanece intata.

Durante três séculos, parte do império colonial da Espanha foi produto das idas e vindas dos inúmeros viajantes, e a América, a depositária das mais díspares ações. Para o bem ou para o mal. Já na fase das independências, é curioso observar que porção significativa do gesto político se processa nas batalhas da figura do revolucionário errante, o americano que transita fora do continente e retorna para pôr em prática, pelas vias da literatura e da luta armada, os seus ideais libertários. Simón Bolívar é expressão cabal desse tipo de revolucionário. Artífice da união americana, pena fértil e combativa, as suas façanhas, assim como as de seus pares, levam impressas as marcas de muitas viagens, viagens concretas, ideológicas, literárias; enfim, todas aquelas que, desde sempre, fazem a história da América e imprimem a sua literatura.

No começo de minha exposição, disse que abordaria alguns momentos significativos das jornadas ao Novo Mundo. Para finalizar o mosaico ilustrativo, eu gostaria de fazer menção ao trânsito, por estas paragens, de duas obras espanholas ilustres, que são prenúncios da

decadência da Espanha heróica que conquistou impérios: o romance picaresco *Guzmán de Alfarache* (1559), de Mateo Alemán, e *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes. Elas também integraram a bagagem de conquistadores e colonizadores e, com relação aos seus autores, eles próprios sonharam com melhor sorte nas Índias Ocidentais.

Em 1608 Mateo Alemán, em precária situação econômica, cruzou o mar, com destino à Nova Espanha, em busca de ajuda de um irmão advogado. Ali faleceu, não se sabe exatamente quando. Em sua travessia, significativamente, dedicou-se à leitura de o *Quijote*, livro que, ao chegar, foi confiscado pelo Santo Ofício para inspeção. Quanto a Cervantes, sabe-se que por volta de 1590, tentou viajar ao Novo Mundo, na esperança de encontrar vida melhor, mas o fato é que nunca pôde realizar tal desejo.

No entanto, apesar do sonho do Novo Mundo ter sido experimentado de maneira frustrada por esses famosos escritores, as suas obras vieram, tanto como cargas destinadas à comercialização quanto como leituras propícias para as travessias. Uma vez aqui, foram intensamente consumidas e comercializadas, alcançando o enorme sucesso que as distinguiu, já na Espanha, como signos de uma nova época.

Com referência ao *Quijote*, desnecessário é dizer da sua importância como sátira do romance idealista, bem como anúncio de uma nova época e de novas formas discursivas. O seu êxito, em escala mundial, só podia ser pleno na América conquistada, onde chegou em 1605, mesmo ano da publicação da sua primeira parte. As andanças de Dom Quixote e Sancho Pança pelo Novo Mundo propiciaram o declínio do mito do guerreiro cavaleiresco, pondo em cheque a figura e os feitos do conquistador.

Quanto ao pícaro, representou, a seu modo, o avesso do Amadis de Gaula, como o anti-herói que, em meio a uma vida sórdida, faz reverência única e exclusivamente ao próprio estômago e ao desejo pragmático de ascensão social. Símbolo da ruptura dos padrões sociais asfixiantes de uma Espanha que, passada a fase eufórica, tornou-se inerte, na América a picaresca fez escola, vindo a exercer influência significativa como ficção denunciadora de novos tempos. Exemplifico a afirmação com dois fatos literários.

O primeiro romance hispano-americano é, precisamente, um romance picaresco, que faz da busca da Utopia um dos seus temas. Trata-se da obra *El periquillo sarniento*, de 1816, do mexicano José Joaquín

Fernández de Lizardi (1776-1827), que foi escrita em benefício da causa independentista. O escritor aproveita a estrutura da picaresca e instala o anti-herói no cenário das instituições da sociedade colonial. A partir daí, propõe todo um programa de reformas, como saída para a auto-determinação nacional e a formação de uma sociedade ideal. *El periquillo sarniento* elabora uma democracia burguesa, baseada no trabalho e no esforço, em franca oposição à ociosidade aristocrática que impregna a era colonial. Nesse sentido, valoriza, como obra picaresca que é, a ação individual e a superação dos obstáculos sociais, contribui para a formação do espírito nacionalista e dá à América o gênero romance.

O segundo fato traz à tona esse grande viajante latino-americano que é Macunaíma. Símbolo da cultura nacional, o malandro brasileiro comparece aqui por sua dimensão não só americanista, mas também ibérica. Em muitos aspectos, pelos traços que o constituem, por sua trajetória, pela proposta estética que o constrói, *Macunaíma* linda com o pícaro espanhol. Este aparece na cena literária num momento de acirrada crise social e, na condição de marginalizado, faz sua denúncia e sua revolução. *Macunaíma*, por sua vez, nasce num momento de questionamento da cultura brasileira, de busca de raízes nacionais para além das fronteiras estabelecidas pelas regiões. Na visão de Mário de Andrade, o primeiro passo para a realização da entidade brasileira seria a revisão crítica dos seus valores e o reconhecimento de que eles são plurais, muitas vezes opostos, mas plenamente capazes de estruturar o pensamento nacional. Só a partir dessa perspectiva é que se poderia "desgeograficar" a cultura, arrancá-la da passividade e integrá-la no contexto latino-americano e até mesmo universal. *Macunaíma*-obra reflete essas preocupações.

Quanto à dimensão latino-americana, é constante na rapsódia a proposta de ruptura das barreiras geográfico-culturais do continente. Nessa medida, mitos, lendas, costumes e tradições populares de abrangência continental são inseridos, adaptados, transformados, para dar consistência a ações que se desenvolvem num espaço-tempo lendários. O aproveitamento desse material serve como recurso de ampliação das fronteiras nacionais e de promoção da síntese americana, movimentos que se articulam no texto também através das enumerações espaciais que marcam os caminhos de fuga do herói, misturando o Brasil com o restante da América.

Contudo, a preocupação com a América Latina manifesta-se de forma contundente na passagem em que o herói, tendo retornado ao Uraricoera, vai até o Rio Negro buscar a consciência que deixara na ilha de Marapatá, antes da viagem a São Paulo. Recordemos que, ali chegando, não

a encontra, mas isso não lhe causa nenhum problema. A solução para o que seria um impasse é imediata: *Então o herói pegou na consciência de um hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma (1978, p. 130)*. A transferência nada transtorna e nem modifica o personagem; há uma aceitação natural da nova consciência, evidenciando-se, assim, a similaridade existente entre ambas.

É esse motivo, presente em *Macunaíma*, que quero destacar. Além do personagem de Mário de Andrade prestar-se a uma leitura comparativa com o personagem picaresco em geral, a relação com o romance de Mateo Alemán torna-se flagrante através do motivo da consciência abandonada e trocada.

Essa consciência itinerante aparece no *Guzmán de Alfarache* com elaboração semelhante à que se encontra em *Macunaíma*, embora no romance espanhol seja enfatizado o aspecto negativo da troca. Observemos. Num dado momento, o Guzmán-narrador, ao tecer considerações sobre os mendigos profissionais de Gênova, afirma em tom crítico:

cuando los ginoveses ponen sus hijos a la escuela, llevan consigo las conciencias, juegan con ellas, allí se las dejan. Cuando barren la escuela y las hallan, dánlas al maestro. El cual con mucho cuidado las guarda en una arca, porque otra vez no se les pierdan. Quien después la ha menester, si se acuerda dónde la puso, acude a buscarla. Como el maestro guardó tantas y las puso juntas, no sabe cual es de cada uno. Dale la primera que halla y vase con ella, creyendo llevar la suya y lleva la del amigo, la del conocido u deudo. Dello resulta que, no trayendo ninguno la propia, miran y guardan las ajenas (1972, p. 300).

Na visão de Guzmán, o reiterado abandono da consciência e a substituição por outra qualquer são causas do depauperamento moral da Espanha, como se nota neste seu lamento:

Ah, ah, España! Amada patria, custodia verdadera de la fe (. . .) también tienes maestros que truecan las conciencias y hombres que las traen trocadas! Cuantos, olvidados de sí, se desvelan en lo que no les toca: la conciencia del otro reprehenden, solicitan y censuran (1972, p. 301).

Em seguida, Guzmán estende a crítica presente nesse motivo ao aventureiro que partia de Sevilha para explorar as Índias espanholas:

Donde hay muchas escuelas de niños, y maestros que guardan conciencias (. . .) es en Sevilla, de los que se embarcan para pasar la mar, que los más dellos, como si fuera de tanto peso y volume que se hubiera de hundir el navío con ellas, así las dejan en sus casas o a sus huéspedes, que las guarden hasta la vuelta. Y si después las cobran, que para mi es cosa dificultosa, por ser tierra larga, donde no se tiene tanta cuenta con las cosas, bien. Y si no, tampoco se les da por ellas mucho (. . .) Por esto en aquella ciudad anda la conciencia sobrada de los que se la dejaron y no volvieron por ella (1972, p. 301) .

O tema da consciência desterrada é, portanto, signo privilegiado das jornadas aventureiras ao Novo Mundo. Metáfora de desgarrar, o seu reaproveitamento na rapsódia modernista não é acidental. Inserir-na na poética de *Macunaíma* foi forma de refletir sobre a história, os dilemas, a essência da entidade americana, por parte de um escritor como Mário de Andrade que, viajante cultural dos mais inquietos, foi leitor atento da picaresca espanhola.

Finda-se aqui esta jornada, que pretendeu flagrar travessias e, com elas, dizer algo da literatura do continente americano. O tema **Viagem, viagens**, instituidor deste colóquio, é veio que expressa a América com eloquência, recobrando processos, características e trajetos de uma história cultural que, apesar dos contratempos, continua em franca mobilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMÁN, M. *Guzmán de Alfarache*. Barcelona: Ed. José Onrubia de Mendoza, 1972.
- ANDRADE, M. de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, São Paulo: SCCT, 1978.
- DIAZ DEL CASTILLO, B. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. 8. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1989.
- FRANCO, J. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Trad. Carlos Pujol. 5. ed. Barcelona: Ariel, 1983.

- LEONARD, I. *Books of the brave. Being an account of Books and of Men in the Spanish Conquest and Settlement of the Sixteenth Century New World.* Cambridge: Harvard University, 1949.
- O'GORMAN, E. *La invención de América.* 4. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- PASTOR, B. *Discurso narrativo de la conquista de América.* La Habana: Casa de las Américas, 1983.
- PAZ, O. Alrededores de la literatura hispanoamericana. In: _____. *Mediaciones.* 2. ed. Barcelona: Seix Barral, 1981.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro.* Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- USLAR-PIETRI, A. El mestizaje y el Nuevo Mundo. In: _____. *En busca del Nuevo Mundo.* México: Fondo de Cultura Económica, 1969.